

MARCAS DE ESTILO: A IDENTIDADE ESCRITA DE ADAILTON MEDEIROS EM *REVOLTOSO RIBAMAR PALMEIRA*

STYLE MARKS: THE WRITTEN IDENTITY OF ADAILTON MEDEIROS IN *REVOLTOSO RIBAMAR PALMEIRA*

Recebido: 01/06/2025 Aprovado: 04/09/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4244

Rauenas Silva Oliveira¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8542-4360>

Beatriz Gomes Viana²

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-3670-0191>

Marinalva Aguiar Teixeira Rocha³

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2712-3671>

RESUMO: Este artigo tem como finalidade analisar os recursos expressivos presentes na obra *Revoltoso Ribamar Palmeira*, do escritor caxiense Adailton Medeiros. A investigação busca demonstrar como o emprego de figuras de linguagem, a exemplo de metáforas, aliterações, ritmo e estruturas sintáticas cuidadosamente elaboradas, imprimem à escrita do autor uma forte dimensão estética. Ao fundir literatura e crítica social, a obra de Medeiros revela um estilo singular, marcado pela evocação da memória coletiva e pela valorização da identidade maranhense. A expressividade estilística, nesse contexto, não se limita à ornamentação textual, mas torna-se elemento central na construção de sentidos e na transmissão de uma visão crítica e afetiva do mundo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, apoiando-se em fundamentos teóricos de estudiosos como Guiraud (1970), Henriques (2011), Rocha (2014), entre os quais contribuem para a compreensão da linguagem literária como manifestação estética e instrumento de construção discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Estilística; Linguística; Recursos expressivos.

¹ Graduanda em Letras Português, Inglês e Literaturas na Universidade Estadual do Maranhão (CESC-UEMA). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Espanhola. É também, membra dos grupos, Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense - NUPLIM e Recepção da Literatura Infantojuvenil e Práticas Sociais de Letramento Literário. É bolsista PIBIC - UEMA (2024-2025) e representante discente do Colegiado de Letras. Interessa-se pela área da Linguística com ênfase em Estilística, Processos de Alfabetização em Língua Materna, Letramento Literário e digital e Literatura e Ensino. E-mail: rauenasuemacx@gmail.com

² Graduada em Letras Português, Inglês e Literaturas na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA - Campus Caxias). Tem experiência na área de Letras em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, com ênfase em Língua Inglesa, assim como interessa-se também pela área da Linguística, com ênfase em Estilística, e Letramento Literário e Digital. Atualmente é integrante da Liga Interdisciplinar dos Cursos de Letras (LICLE), da UEMA - Campus Caxias. E-mail: beatriz.zoo2020@gmail.com

³ Possui graduação em LETRAS pela Universidade Estadual do Maranhão (1988), mestrado em Ciências da Educação pelo Instituto Pedagógico Latinoamericano Y Caribeno (1999), Mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012) e doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2019). Atualmente é professora Adjunto III da Universidade Estadual do Maranhão. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, texto literário, expressividade linguística, práticas leitoras e produção de texto, memória sob a perspectiva da imagem fotográfica. E-mail: marinalvaat@hotmail.com

ABSTRACT: This article analyzes the expressive resources present in the work "Revoltoso Ribamar Palmeira" (Revoltoso Ribamar Palmeira) by Caxias-born writer Adailton Medeiros. The research seeks to demonstrate how the use of figures of speech, such as metaphors, alliteration, rhythm, and carefully crafted syntactic structures, imbues the author's writing with a strong aesthetic dimension, fostering a sensitive and meaningful literary experience. By fusing literature and social critique, Medeiros's work reveals a singular style, marked by the evocation of collective memory and the valorization of Maranhão identity. Stylistic expressiveness, in this context, is not limited to textual embellishment but becomes a central element in the construction of meaning and the transmission of a critical and affective vision of the world. The research adopts a qualitative and interpretative approach, drawing on theoretical foundations from scholars such as Guiraud (1970), Henriques (2011), Rocha (2014), among others contribute to the understanding of literary language as an aesthetic manifestation and an instrument of discursive construction.

KEYWORDS: Stylistics; Linguistics; Expressive resources.

1. Introdução

O estilo é um elemento fundamental na construção da identidade de qualquer autor, pois exerce a função de singularizar suas habilidades e particularidades literárias. Trata-se de um conjunto de aspectos linguístico-expressivos que refletem a estética do texto, além da visão de mundo, valores e experiências subjetivas do escritor. Consequentemente, o estilo influencia diretamente no diálogo autor/obra/leitor; pois o autor imprime na obra marcas de sua individualidade; o leitor, por sua vez, ocupa um lugar ativo, exercendo sua competência interpretativa para decifrar, ressignificar e completar aquilo que o texto propõe ou sugere.

A Estilística surge, portanto, como uma abertura para além da análise gramatical, voltando-se para a dimensão estética e criativa da língua enquanto examina como a seleção de palavras, as construções sintáticas, os ritmos e a sonoridade contribuem para a criação de sentidos, imagens e emoções. Dessa forma, ela conecta língua e arte, funcionando como uma ponte entre a análise linguística e a interpretação literária.

No que se refere à obra de Adailton Medeiros, observa-se uma produção artística que transita por diversos cenários na composição de seus espaços literários. O escritor, que estabeleceu ligação direta com a estética modernista, multifacetou suas produções entre amor, homenagens, memória, religião e crítica social. Ao utilizar o ambiente literário para criar, representar e denunciar, Adailton cedeu sua voz àqueles que não podiam rebelar-se ou nem ao menos sentiam necessidade de fazê-lo. Essa busca pela liberdade coletiva e individual no texto poético é também uma marca estilística de Medeiros, distinguindo sua obra a ponto de permitir uma interação

entre texto e leitor de modo singular, onde estes relacionam-se para a criação de significados múltiplos.

Diante disso, este artigo busca analisar os principais recursos estilísticos do campo léxico-semântico e morfossintático presentes na produção da obra prosaica, pertencente a Adailton Medeiros. O estudo, de cunho bibliográfico, fundamenta-se em autores como: Rocha (2014), Guiraud (1970), Martins (2008), entre outros, a fim de demonstrar o potencial expressivo do escritor caxiense/maranhense para a literatura nacional. O artigo divide-se em: apresentação do autor, referencial teórico, contextualização sobre a obra *Revolto Ribamar Palmeira*, exposição fragmentada do sexto e sétimo capítulos da obra em prosa, seguidos da análise estilística; e, por fim, as considerações finais. Desse modo, os aspectos evidenciados podem ser examinados nas análises dos recursos expressivos desenvolvidas ao longo deste estudo.

2. Adailton Medeiros: o poeta de “cantos e voos livres”⁴

Em 16 de julho de 1938, Caxias foi contemplada com mais um poeta de escrita sensível para fazer arte a partir do texto literário. Adailton Medeiros passou sua infância na zona rural da cidade e foi lá, no povoado Angical, que contemplou, atento, as paisagens e vivências que mais tarde viria a registrar em suas produções literárias.

Ainda muito jovem, mudou-se para a zona urbana do município, no Maranhão, e foi na Princesinha do Sertão que conheceu pessoas e espaços que integrariam sua lira poética. Durante o tempo em que esteve em Caxias, dedicou-se com afinco aos seus estudos, e isso o direcionou para o primeiro de seus voos livres: o Rio de Janeiro, capital da modernidade e da arte no contexto dos anos 50.

Adailton deu os primeiros passos na poesia em Caxias, onde publicou seus escritos iniciais no jornal local. No entanto, foi na capital fluminense que ele se aprofundou no universo literário e consolidou de fato seu legado como autor. No entanto, mesmo produzindo longe de sua terra natal, Adailton nunca se esqueceu da família, dos amigos, das paisagens e das problemáticas que marcaram sua cidade. Sobre esses aspectos, escreveu ao longo de sua trajetória, como se pode confirmar pela leitura de suas obras, nas quais Caxias é mencionada, direta ou indiretamente.

⁴Trecho de dedicatória no livro *Revolto Ribamar Palmeira*

Dentre as diversas faces temáticas de sua produção, o desejo de denunciar as desigualdades sociais constitui uma constante em sua obra. Nesse sentido, o “canto” de Adailton Medeiros foi livre, pois não se limitou a reproduzir aquilo que já havia sido dito por outros autores. Ao contrário, buscou desconstruir o que estava posto e questionar aquilo que se apresentava como inquestionável. A opressão política e o abuso de poder, por exemplo, figuram entre os temas recorrentes de sua produção, como se observa em *O sol fala aos sete reis das leis das aves* (1972) e *Revoltoso Ribamar Palmeira* (1978).

Ao utilizar o espaço literário para criar, representar e denunciar, Adailton cedeu sua voz àqueles que não podiam se rebelar ou que sequer sentiam necessidade de fazê-lo. A necessidade de reivindicar, por meio do texto poético, a liberdade coletiva e individual constitui também uma característica marcante de sua prosa, ultrapassando o plano de um estilo expressivo marcado por escolhas lexicais. Nesse sentido, a combinação de escolhas lexicais, semânticas e morfossintáticas, aliada à reivindicação social, atua conjuntamente na expressão da intenção comunicativa do texto, estabelecendo uma relação entre autor, obra e leitor. É nessa interação que se constrói o sentido, uma vez que o leitor participa ativamente do processo de produção de significado da obra.

3. Referencial teórico

A língua não é estática no discurso literário, mas um território de ampla liberdade criativa. “A função essencial da língua é a representação mental da realidade, mas o seu sistema é alterado pelos falantes com o fim de exprimir emoções e de influir sobre as pessoas” (Martins, 2008, p. 22). É na língua que o autor encontra o material necessário para expressar o que, muitas vezes, parece ser intraduzível.

Simultaneamente, o leitor se relaciona com o texto de maneira particular, percebendo nuances que uma linguagem estritamente gramatical e normativa não poderia oferecer: “o alcance representativo do termo se desdobra num alcance expressivo, em que se integram as funções da manifestação psíquica e do apelo” (Câmara Jr, 2004, p. 14). A Estilística entra em cena para complementar a Gramática; assim, a língua, quando utilizada no campo estilístico, transforma o texto literário em um espaço único, no qual o significado não está dado de antemão, mas, moldando-se na subjetividade criativa do autor.

Refletindo sobre o fenômeno da linguagem, percebe-se “que certos usos linguísticos, mais do que simplesmente destinados à pura informação, caracterizam-se por uma intenção expressiva, carregando-se de valores afetivos e evocatórios” (Monteiro, 2009, p. 7). Essa característica pode ser observada no texto literário, no qual os recursos expressivos empregados pelo autor podem contribuir para estabelecer uma relação com o leitor e suscitar diferentes efeitos de sentido.

Com o intuito de criar uma obra sensível às múltiplas significações na interação com o interlocutor, o autor imprime no texto o seu estilo literário. O estilo, nesse contexto, é definido como “a maneira de escrever, a utilização pelo escritor dos meios de impressão para fins literários, distinguindo-se, portanto, da gramática, que define o sentido e a correção das formas” (Guiraud, 1970, p. 17).

Em outras palavras, a análise do estilo pode partir da observação da seleção e do emprego dos recursos disponíveis na língua, considerando-se as escolhas realizadas pelo autor em sua escrita. “A noção de valores estilísticos postula, portanto, a existência de vários meios para expressar a mesma ideia, é o que chamamos de variantes estilísticas, cada uma das quais constitui um modo particular de exprimir uma mesma noção” (Guiraud, 1970, p. 72). Considerando a relevância dessas escolhas para a construção estética e os efeitos expressivos do texto literário, o estilo ganha espaço na pesquisa por intermédio da Estilística, disciplina voltada à investigação das manifestações estilísticas, buscando identificar e analisar os recursos linguísticos mobilizados na composição do discurso e os sentidos que podem produzir no contexto da obra.

Segundo Martins (2008), a palavra estilística já era utilizada desde o século XIX, mas é a partir do século XX que se torna, de fato, uma disciplina atrelada à linguística. O impulso dessa disciplina é dado por dois estudiosos: Charles Bally, doutrinador da estilística da língua; e Leo Spitzer, figura de destaque da estilística literária. Nesse ponto, a disciplina cresce exponencialmente, ganhando aprofundamento teórico por parte de alguns pesquisadores da área, como J. Marouzeau e M. Cressot. O último, por sua vez, acrescenta que “a estilística recente aborda, assim, os domínios da invenção e da disposição, tendendo para uma aproximação com a crítica literária” (Cressot, 1980, p. 300).

Posteriormente, para Henriques (2009, p. 13), a Estilística é “a disciplina que estuda a língua nas suas funções expressiva e apelativa”. No texto literário, a estilística revela como o uso intencional de recursos linguísticos pode criar efeitos

específicos. Ao analisar os elementos léxico-semânticos, fônicos e morfossintáticos, a Estilística permite identificar os mecanismos que conferem singularidade ao texto, destacando como a forma e o conteúdo interagem para gerar expressividade. “A criatividade então se manifesta, com tudo o que dela deriva: o estranhamento, o prazer estético, a multivalência significativa” (Monteiro, 2009, p. 59).

Nesse sentido, ao considerar o campo linguístico-expressivo na Estilística e suas vertentes pertinentes, evidencia-se, durante análise das passagens escolhidas, o grande valor literário das obras de Adailton Medeiros. Consequentemente, Rocha (2014) adverte que ainda que o texto literário apresente a individualidade de cada autor, revela, ademais, um reflexo do estado da alma humana, além da capacidade criativa e sensibilidade de quem entende a natureza poética e prosaica imbuída à sua obra, seja escritor ou leitor.

4. Recursos expressivos em *Revoltoso Ribamar Palmeira*

Tendo por objetivo contextualizar a obra que será analisada, inicialmente, é relevante destacar que o quarto livro de Adailton Medeiros, *Revoltoso Ribamar Palmeira* (1978), constitui um instrumento de reivindicação social. O referido autor, caracterizado por sua delicadeza e sentimentalismo nos poemas que versam sobre o amor, não se limitou ao romantismo em sua produção literária. Escrito em prosa, o livro destoa de seus antecessores e sucessores, compostos inteiramente por poemas. Um fato interessante sobre a obra é que o terceiro livro de Adailton se apresenta simbolicamente já em sua capa ilustrativa, conforme demonstrado na Figura 1:

Figura 1 – Capa da obra *Revoltoso Ribamar Palmeira* (1978)



Fonte: Medeiros (2022, p. 125).

A representação gráfica do quadro **Guernica**, do pintor espanhol Pablo Picasso, antecipa o tema central da narrativa: revolta civil, revolução social, violência e abuso de poder.

Revoltoso Ribamar Palmeira narra a trajetória de José de Ribamar, ou simplesmente Riba, um pai de família pobre, mas com espírito revolucionário e cheio de esperança. Riba chega em São Luís em 1949, dois anos antes da revolta que marcou a capital do Maranhão, conhecida historicamente como Ilha Rebelde. Esse fato confere ao texto de Adailton um caráter de novela histórica, pois, embora breve, resumido em dez capítulos, a narrativa tem como pano de fundo um evento real: a Greve de 51. Esse movimento levou civis descontentes com a política local, além de opositores à posse do governador Eugênio Barros, às ruas.

Com o objetivo de investigar as manifestações estilísticas presentes na escrita de Adailton Medeiros, o presente tópico propõe a análise do sexto e do sétimo capítulos da obra, intitulados *Uma Festa Linda* e *Cachorro Cor Azul*, respectivamente. A escolha desses capítulos deve-se à diversidade de recursos linguísticos neles mobilizados, que possibilita observar diferentes formas de construção expressiva no texto.

Enquanto *Uma Festa Linda* apresenta diálogos, marcas de oralidade, expressões populares, referências ao contexto cultural e a presença de cantigas, *Cachorro Cor Azul* se caracteriza pela recorrência de construções fragmentadas, repetições, imagens e formulações de caráter mais reflexivo. Desse modo, a análise dos dois capítulos permite observar diferentes procedimentos linguístico-estilísticos empregados pelo autor e discutir os sentidos produzidos por essas escolhas no contexto das obras.

No capítulo seis, a história é narrada por Riba como uma recordação, por meio do *flashback* utilizado pelo autor para protagonizar uma quebra no fluxo narrativo. Ao rememorar uma festa, Ribamar relata como conheceu sua esposa, Maria das Chagas. O romance começa como uma relação proibida e, conforme convenções sociais, considerada transgressora, uma vez que Riba, ao conhecer Das Chagas, já estava noivo de Olália, que, coincidentemente, era prima da moça que atraiu as atenções do protagonista.

Todo o capítulo se passa no dia em que acontece o primeiro encontro entre Riba e Das Chagas. Em uma situação de amor à primeira vista, o casal trocou olhares e permaneceu dançando durante toda a noite. À luz dos acontecimentos descritos, o desfecho do capítulo se dá com o rompimento formal do noivado entre Riba e Olália.

No capítulo sete, o momento presente é retomado e Riba está em São Luís, prestes a despertar para sua conscientização de classe. Riba e Velho Zeca (amigo e vizinho) conversam em um espaço público, onde mulheres estão reunidas para lavar roupas em um tanque coletivo. Os amigos percebem que as mulheres falam animadamente sobre um cachorro que foi pintado de azul.

Ao observar atentamente a situação, Ribamar, que, nesse momento, já demonstrava interesse em filosofia e sociologia, sentiu-se profundamente incomodado com a atenção demasiada dada a um cachorro, enquanto, naquele mesmo instante, revolucionários se organizavam para ir às ruas, na greve de 51, reivindicar melhores condições de vida e manifestar contra a imposição política que tentava, naquele contexto, empossar o governador Eugênio Barros no Estado do Maranhão.

4.1 Recursos semânticos

Na estilística, os recursos semânticos são responsáveis pela relação de sentido entre as palavras que compõem o texto. Assim sendo, as combinações semânticas, além de expressar multissignificações, podem provocar emoção a partir de construções intencionais do autor, resultando em suas marcas de estilo. Dessa feita, destacam-se abaixo as principais figuras semânticas empregadas por Adailton Medeiros nos capítulos seis e sete do livro *Revoltoso Ribamar Palmeira*.

O trecho inicial do capítulo seis relata a chegada de Riba à casa de sua noiva:

Nenhuma pessoa me viu. Bati palmas e Olália veio, da cozinha, ver quem era. Tínhamos ficado noivos um mês atrás.

– O pessoal, agorinha, estava dizendo: Riba não vem.

– Mas eu disse que vinha, e quando digo pode **chover canivetes**. Eu vou (Medeiros, 1978, p. 246, grifo nosso).

O fragmento “chover canivetes”, identificado como uma hipérbole, “figura de pensamento que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas” (Cherubim, 1989, p. 38), além de representar uma expressão comum no nordeste brasileiro, o que confere resgate à identidade maranhense, revela também a personalidade de José de Ribamar: homem firme, com fortes convicções e comprometido com suas responsabilidades. Riba, indiretamente, declara ter uma única palavra, um exímio exemplo de “valores morais” associados à figura masculina.

No capítulo há uma reviravolta marcada pela comparação no trecho “esta é muito mais bonita, mesmo noivo vou dançar com ela. É sobrinha da casa, não vão ajuizar nada. Entrar nos meus pensamentos” (Medeiros, 1978, p. 247). A comparação, conceituada como o “confronto de dois ou mais objetos em que depreendemos algum ponto de contato” (Cherubim, 1989, p. 22), evidencia uma analogia entre a aparência física das duas mulheres, revelando uma preferência por parte de Ribamar. Nesse contexto, o efeito de sentido reforça a atração que Riba sente por Das Chagas, destacando sua superioridade no que diz respeito à noiva.

Com o eufemismo, “espécie de perífrase, mediante a qual, atenua-se o sentido rude ou desagradável de uma palavra ou expressão, através da substituição por outra de sentido agradável ou menos chocante” (Cherubim, 1989, p. 34), na frase “sobrinha de casa. Não vão ajuizar nada” (Medeiros, 1978, p. 246), o personagem Riba tenta mascarar sua personalidade ao suavizar seu comportamento: considera-se, portanto, que por estar entre familiares, sua aproximação com Das Chagas seria naturalizada e socialmente aceitável. A figura de linguagem, nesse contexto, minimiza a gravidade

da situação para Riba, que, em sua autodefesa, propõe uma racionalização de seus instintos.

Ribamar aos poucos vai desvelando sua personalidade masculina e rompendo com a ideia inicial de comprometimento e responsabilidade, o que, por sua vez, fica evidente no trecho: “Altura média, cor rosada, Maria das Chagas, cintura fina, cabelos dando nas costas, quadris largos, pernas roliças, peitos de pé, sacode o corpo todo no balanço do quibano. Deixa o cuim do arroz cair na gamela” (Medeiros, 1978, p. 246).

A passagem apresenta uma sequência de características físicas atribuídas a Maria das Chagas, construída pela acumulação de traços que detalham progressivamente sua aparência. Esse procedimento produz uma imagem visual e corporal da personagem, conferindo destaque à sua caracterização física. A construção pode ser compreendida como um caso de amplificação, recurso que, segundo Cherubim (1989, p. 12), consiste em desenvolver pormenorizadamente os aspectos de determinado assunto. No contexto da passagem, a concentração desses atributos não apenas caracteriza a personagem, mas também contribui para a construção de uma representação marcada pela sensualização de seu corpo, apresentado sob a perspectiva do desejo.

Reforçando a representação do corpo feminino construída na passagem, o trecho “deixa o cuim do arroz cair na gamela” (Medeiros, 1978, p. 246) apresenta uma construção que pode assumir mais de uma interpretação. Em seu sentido literal, a expressão se refere a uma ação cotidiana relacionada ao preparo e ao servir da comida. Entretanto, considerando o contexto corporal que antecede a passagem, a escolha dos termos e a exploração de sua dimensão sonora podem favorecer uma leitura de caráter sugestivo. A sonoridade da palavra “cuim”, articulada ao contexto em que é empregada, contribui para ampliar as possibilidades de interpretação da expressão, que ultrapassa a referência à ação cotidiana. Desse modo, a combinação entre sonoridade, contexto e sentido pode contribuir para uma leitura de caráter erótico, ainda que de forma implícita.

No capítulo sete transcorre um salto histórico e Riba está em São Luís do Maranhão, decidido a aderir às lutas sociais em prol de justiça para todos e melhores condições de vida para ele e sua família, formada por Maria das Chagas, prima da primeira noiva, e seus filhos.

No trecho, “alguns dias para cá, noto que alguma coisa se passa comigo. O pensamento confuso. Vou anotando o que penso e vejo que nessas redondezas ninguém pensa como eu, no bairro. – Será loucura?” (Medeiros, 1978, p. 250), inicialmente destaca-se a metáfora, “figura de pensamento que corresponde a uma comparação de igualdade subtendida” (Henriques, 2009, p. 53), e atesta que o personagem vivencia um momento particular de mudanças e transformações internas. Um processo mental de maturação do ser social que agora desperta no psicológico de Riba. No segundo trecho:

[...] um ser adquirindo consciência para uma luta corredeira como rio. A memória está cheia de pensamentos horrorosos e outros belos. Ouço o barulho de sapatos no assoalho, re-sons nas telhas que não possuo cobrindo a casa que todos vamos morar (Medeiros, 1978, p.250).

O fragmento “telhas que não possuo cobrindo a casa que todos vamos morar”, destaca o paradoxo, que “consiste em exprimir a opinião contrária ao senso comum” (Cherubim, 1989, p. 50). O personagem afirma não possuir as telhas, mas elas já “cobrem” a casa. Isso representa poeticamente a ideia de utopia e esperança: algo que ainda não é real no presente, mas que já habita a imaginação e o desejo coletivo, o que reforça o novo aspecto da personalidade de Riba, homem pobre, oprimido durante toda sua vida simples na zona rural, e que agora compreende o seu poder revolucionário, unindo-se a outros que partilham o mesmo despertar da consciência.

A metáfora mais uma vez se faz presente no seguinte trecho:

O tanque-público, onde as mulheres falam do cachorro cor azul, está perto de secar. Cimento seco, nada de água. Neste momento, ainda, a gente pode olhar as caras no fundo. Problemas, muitos problemas, são descobertos nessa procura das caras (Medeiros, 1978, p. 251).

Especificamente no fragmento “as mulheres falam do cachorro cor azul”, a expressão “cachorro cor azul” adquire uma dimensão simbólica no contexto da narrativa. A imagem desloca a atenção das personagens para um acontecimento extraordinário, enquanto questões socialmente relevantes permanecem em segundo plano. Nesse sentido, o cachorro de cor azul pode ser compreendido como uma imagem que representa, no contexto da narrativa, o afastamento da população de problemáticas que exigiriam maior atenção e posicionamento crítico. A construção

contribui, assim, para a crítica social presente no capítulo, ao sugerir mecanismos de distração que favorecem o distanciamento da população em relação às questões que afetam a coletividade.

Nesse capítulo, é possível perceber o amadurecimento de Riba diante da revolução social que se impõe em sua vida após se rebelar contra a condição de oprimido. Com o apoio dos estudos e da influência de amigos revolucionários, ele consegue ressignificar e dar sentido às suas próprias experiências.

4.2 Recursos morfossintáticos

No campo estilístico, as figuras morfossintáticas relacionam-se à construção das frases, oportunizando inúmeras variações de estilo no enunciado. As construções resultantes da disposição dos vocábulos acarretam ao texto beleza, multissignificações e ainda um aumento da expressividade. A exemplo, no capítulo seis, destaca-se o seguinte trecho:

Todos jantados, nos preparamos e fomos para a casa da festa. Casarão sem nenhum quarto, salãozão para se dançar. Botequim na biqueira, entre a casa e a latada. Nesta dançavam os pretos, as mulheres da vida e os rapazes que queriam aproveitar (Medeiros, 1978, p. 247).

O fragmento “os pretos, as mulheres da vida e os rapazes que querem aproveitar” destaca uma gradação de sujeitos que realça a diversidade social no ambiente frequentado por Riba, ao passo que denuncia também uma segregação entre o grupo familiar e os grupos marginalizados. No trecho seguinte:

Olália vestia um vestido encarnado e Das-Chagas um azul-marinho com uma rosa vermelha no peito. As três primeiras partes dancei com minha noiva que, por sinal, não dançava lá essas coisas, só sabendo um pouco no arrastado. – Olha, minha santa, eu vou tirar a prima que até agora não saiu da cadeia. Das Chagas pé de vento, leve que nem uma pena, foi uma beleza a parte em que dançamos (Medeiros, 1978, p.247).

No fragmento “Das Chagas um azul-marinho com uma rosa vermelha no peito”, observa-se a omissão do verbo que introduziria a caracterização da personagem, facilmente recuperável a partir do contexto. Trata-se, portanto, de uma construção elíptica, conforme a definição de Cherubim (1989, p. 30). Mais do que evitar a repetição do verbo empregado na caracterização anterior, a supressão contribui para

conferir maior agilidade à descrição, concentrando a atenção do leitor nos elementos que individualizam visualmente a personagem: a cor da roupa e a rosa vermelha.

Além disso, a construção estabelece uma correspondência com a caracterização da outra personagem, aproximando-as pela organização sintática da descrição e, simultaneamente, diferenciando-as pelos elementos cromáticos atribuídos a cada uma. Desse modo, o recurso não atua apenas como mecanismo de economia linguística, mas participa da composição visual das personagens e da relação de aproximação e contraste estabelecida entre elas.

Adailton acrescenta à narrativa diversas orações subordinadas adjetivas restritivas, e um exemplo evidencia-se no trecho “Antonio Borges que não era de briga, era como passarinho e só gostava de cantar, não deu crença naquilo e fez suas cantigas de improviso com os nomes de outras moças, inclusive Olália, que nem me importei” (Medeiros, 1978, p. 248). No fragmento “inclusive Olália, que nem me importei”, o recurso relaciona Olália a Riba, e marca, na construção de sentido, o realce do desdém e indiferença do noivo para com a noiva.

No capítulo sete, as elipses e fragmentações seguem como escolha privilegiada do autor, como demonstra o trecho, “a escuridão no coração. O privar que ela nos obriga. O campo vai ser destruído e o produto do nosso trabalho. Estorricados nesses lugares, os pensamentos. A realidade, só ela, dominará eles” (Medeiros, 1978, p. 252). No fragmento “o campo vai ser destruído e o produto do nosso trabalho”, a frase começa com um sujeito (O campo), que tenta introduzir uma ideia, mas logo vem a outra parte (e o produto do nosso trabalho), que não se liga com clareza ao primeiro termo. Essa quebra na progressão lógica sugere desorganização do pensamento e reflete um estado emocional abalado, características que bem definem Riba no momento de transição e mudança em que vive.

A fragmentação sintática, os desvios da norma padrão e as figuras como elipse e inversão reforçam a sensação de caos interior, dor, confusão mental e opressão existencial. Tudo contribui para transmitir a vivência de um sujeito que sente a escuridão psíquica, a imposição da realidade brutal e a aniquilação do pensamento e da subjetividade.

5. Considerações Finais

As análises estilísticas de dois capítulos da obra prosaica de Adailton Medeiros evidenciam um domínio expressivo singular que confere identidade própria à sua escrita. Por meio da exploração consciente de recursos léxico-semânticos e morfossintáticos, o autor constrói uma linguagem marcada por densidade simbólica, ambiguidade significativa, rupturas sintáticas e forte apelo emocional. A estilística, enquanto abordagem crítica, permitiu explorar a forma como essas escolhas linguísticas são agrupadas para ampliar sentidos, representar subjetividades e denunciar desigualdades sociais.

Na obra *Revoltoso Ribamar Palmeira*, os desvios da norma padrão, as metáforas, elipses e paradoxos revelam o processo de transformação de um sujeito marginalizado que, através da linguagem e da consciência política, encontra voz e sentido para sua experiência e possibilita, a partir da leitura, um aperfeiçoamento do olhar crítico e social sobre o espaço social ocupado por minorias que, quando unidas, tornam-se uma maioria apta a ocupar o espaço reservado àqueles que se recusam a se submeter à exploração social.

Assim, entende-se que Adailton Medeiros articula sua produção literária com autenticidade estilística, unindo forma e conteúdo de maneira a desafiar convenções e tornar a linguagem instrumento de libertação, memória e denúncia. Sua obra é um marco expressivo na literatura maranhense, e seu estilo, uma ponte entre o poético, histórico e o político; entre a criação estética e a crítica social.

6. Referências

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. (No Title), 1989.

CRESSOT, Marcel. **O estilo e as suas técnicas**. Trad. de Madalena Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. Trad. de Miguel Mailler. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Língua portuguesa: semântica e estilística**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MEDEIROS, Adailton. **Obra reunida**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2022.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ROCHA, Marinalva Aguiar Teixeira. **A expressividade em Ana Maria Machado e José Paulo Paes: uma proposta para motivar a leitura**. Curitiba: Appris, 2014.